JUVENTUDE(S) PENSAR E AGIR

Organização
Gilberta Pavão Nunes Rocha
Rolando Lalanda Gonçalves
Pilar Damião de Medeiros

LÚMUS

AVALIADORES CIENTÍFICOS

Ana Paula Marques
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.NOVA.UMinho

António Brandão Moniz
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.NOVA

Carlos Fortuna
Centro de Estudos Sociais – Universidade de Coimbra

Gilberta Pavão Nunes Rocha
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

João Peixoto
Instituto Superior de Economia e Gestão – Universidade de Lisboa

Jorge Ávila de Lima
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

Lídia Marôpo
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.NOVA

Manuel Carlos Silva
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.NOVA.UMinho

Maria da Luz Ferreira Abreu de Sousa Correia
Departamento de Línguas e Literatura Moderna – CICS.NOVA.UMinho

Maria Inácia Rezola
Escola Superior de Comunicação Social – Instituto Politécnico de Lisboa

Maria Luís Rocha Pinto
Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território – Universidade de Aveiro

Maria Manuel Vieira
Instituto de Ciências Sociais – Universidade de Lisboa

Miguel Chaves
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.NOVA

Pilar Damião de Medeiros
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

Rolando Lalanda Gonçalves
Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais – CICS.UAc/CICS.NOVA.UAc

Vania Baldi
Departamento de Comunicação e Arte – Universidade de Aveiro

Vítor Matias Ferreira
ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

Índice

7 **Prefácio**
João Teixeira Lopes

11 **Introdução**
Gilberta Pavão Nunes Rocha, Rolando Lalanda Gonçalves e Pilar Damião de Medeiros

19 **Youth in european contemporary history - a history of blurred boundaries?**
Knud Andersen

31 **The "the teen-age tide" and its symbolic undercurrents: media, history and the social construction of young consumers**
Bill Osgerby

61 **A cultura política dos/as jovens: sobre os movimentos alternativos na atual conjuntura**
Paulo Vitorino Fontes

79 **Os jovens portugueses (do continente) e os media. Um olhar quantitativo #withfilters**
Jorge Vieira

117 **A relação entre os jovens e a rede social Facebook**
Carla Rocha, Solange Ponte e Suzana Nunes Caldeira

137 **Práticas digitais de jovens em Portugal: mudanças e continuidades do contexto tecnológico aos ambientes familiares**
Cristina Ponte

163 **"É uma situação complicada". Perspetivas sobre o dano nas vidas e culturas digitais de crianças em idade escolar**
Teresa Sofia Castro

189 **A sistémica qualitativa e a análise dos consumos de media**
Rolando Lalanda Gonçalves

203 **Porque negam os jovens a influência dos media? Uma análise dos discursos dos estudantes sobre as suas escolhas escolares**
Benedita Portugal Melo

225 **Relações interpessoais entre Jovens. Que exemplo oferecem os Media?**
Marta Tavares, Filipa Cabral, Suzana Nunes Caldeira e Osvaldo Silva

235 **Conselho da Comunidade Educativa – o órgão máximo da direção das escolas da RAMadeira como promotor de intervenção democrática dos jovens no seu percurso e na sociedade**
Paula Gomes da Lage Olim e João Carlos de Gouveia Faria Lopes

253 **Da escola para o mundo do trabalho, perfis de transição para a vida ativa**
Fernando Diogo, Ana Cristina Palos e Osvaldo Silva

281 **Jovens e emprego: tipologia de inserções profissionais**
Ana Cristina Palos, Fernando Diogo e Osvaldo Silva

317 **Formação profissional e oportunidades juvenis: perfis sociais, formativos e ocupacionais**
Ana Matias Diogo

345 **Jovens, Migrações e Desenvolvimento Regional**
Maria da Saudade Baltazar, Isabel Joaquina Ramos, Conceição Rego, Andreia Dionísio e Maria Raquel Lucas

377 **Juventude e Desenvolvimento: o caso de Timor-Leste**
José António Lourenço da Costa e Maria da Saudade Baltazar

409 **Jovens açorianos e a recente crise económica: (e)migrar é solução?**
Gilberta Pavão Nunes Rocha e Derrick Mendes

429 **Entrada por Saída. As dinâmicas de residência e de usufruto lúdico da população jovem na cidade de Lisboa**
Luís Vicente Baptista, Maria do Rosário Jorge e Jordi Nofre

459 **Notas biográficas**

Jovens, Migrações e Desenvolvimento Regional

Maria da Saudade Baltazar*
Isabel Joaquina Ramos**
Conceição Rego***
Andreia Dionísio****
Maria Raquel Lucas****

Introdução

As relações entre migrações e desenvolvimento são complexas e questionáveis os seus efeitos sobre o desenvolvimento nos países e regiões de origem e destino, em particular se este(a)s denotam acentuadas assimetrias *inter* e *intra* regionais, como é o caso de Portugal.

"O estudo das migrações e sua relação com o desenvolvimento adquiriu grande importância com o processo de globalização em curso, mas não tem ainda o lugar que merece na reflexão científica, sobretudo a nível regional e local" (Ramos, 2009, citado por Gonçalves, 2009, p. 8).

Ao longo do século XX, não obstante o interesse crescente das diversas ciências sociais pela problemática das migrações, para Massey *et al.* (1994) existe uma multiplicidade de pontos de vista teóricos fragmentados. Enquanto fenómeno social, e dada a sua complexidade, as migrações requerem uma visão integrada com recurso a abordagens teóricas de vários campos disciplinares.

---

* Departamento de Sociologia, Escola de Ciências Sociais, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Universidade de Évora.

** Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento, Escola de Ciências e Tecnologia, Centro Interdisciplinar de Ciências Sociais, Universidade de Évora.

*** Departamento de Economia, Escola de Ciências Sociais, Centro de Estudos e Formação Avançada em Gestão e Economia, Universidade de Évora.

**** Departamento de Gestão, Escola de Ciências Sociais, Centro de Estudos e Formação Avançada em Gestão e Economia, Universidade de Évora.

Tendo por base a economia como elemento de referência, a causa mais relevante das migrações é a disparidade inter-regional quanto aos níveis de rendimento, de emprego e de bem-estar social (Castles, 2005). Porém, esta decisão não é totalmente de cariz racional, existindo também aspetos de natureza sociológica e de inserção num novo contexto social e de adaptação a um novo mercado de trabalho.

Já no contexto da teoria do capital humano, as migrações são consideradas uma forma de investimento em capital humano onde os indivíduos procuram maximizar o período de tempo de usufruto do retorno desse investimento. Sustenta-se assim que "os jovens têm maior incentivo a investir porque poderão usufruir do retorno durante mais anos" (Becker, 1962, p. 38).

Num outro domínio, Brettel & Hollifield (2000) consideram relevante o contributo da teoria das redes sociais que, mediante a dinâmica do agregado familiar, combina perspetivas micro e macro de estudo das migrações, criando sinergias entre o processo micro de decisão por parte do indivíduo e, ao nível macro, a diversidade de variáveis com as quais este interage no seu contexto de atuação. Tais decisões pessoais estão integradas num conjunto de oportunidades e restrições socioeconómicas, condicionadas pelas políticas públicas.

O presente estudo centra-se na categoria social dos jovens, especificamente nas migrações económicas, em regra denominadas de migrações voluntárias, como refere Keely (2000), ainda que seja necessário ter presente a existência de fluxos migratórios por outros motivos.

A investigação tem como principal objetivo analisar e identificar os determinantes do fenómeno das migrações na categoria social dos jovens na região Alentejo. Este é um território de baixa densidade (populacional, económica e institucional) que, nas últimas décadas, tem revelado, simultaneamente, sérias dificuldades de atração populacional e acentuados movimentos migratórios em direção aos principais centros urbanos do país e sedes de concelho. A natureza e as características destes movimentos têm contribuído para o reforço do fenómeno do duplo envelhecimento que caracteriza este território.

A partir da informação disponível, efetua-se uma reflexão sobre as principais tendências das migrações no território português, com destaque para a tradicional litoralização do território e as manifestas assimetrias intrarregionais, assim como a identificação e análise dos determinantes das migrações internas, estimados através de modelos de regressão linear múltipla.

Pretende-se, deste modo, contribuir para uma maior compreensão do desajustamento da distribuição territorial em Portugal, tendo por base a variável a explicar (migrações internas por Concelho) e das variáveis macroeconómicas que a influenciam e permitam explicar. No contexto das variáveis independentes utilizam-se dados e estatísticas municipais, que espelham a situação económico-social, ambiental, cultural e de atratividade num determinado momento temporal.

Após a introdução, o artigo prossegue com uma revisão da bibliografia onde se discutem os principais conceitos envolvidos (secção 1), a que se segue a apresentação das características económicas e sociais da região que podem estar associadas e relacionadas com o fenómeno migratório dos jovens (secção 2). Após a análise dos dados, sua explicação metodológica e exposição dos resultados alcançados (secção 3), o artigo termina com as notas conclusivas.

Os jovens e as migrações na contemporaneidade: continuidades e ruturas em processos de transições de vida

A sociedade atual comporta uma multiplicidade de oportunidades e de riscos, norteados por dimensões como a mudança, a diversidade e a fragmentação que, não sendo dependentes de ritmos individuais, levam a fazer escolhas e a assumir as consequências e responsabilidades de tais escolhas e decisões tomadas. Neste contexto, os jovens assumem especial protagonismo, seja pelas atitudes que tomam em resposta a esta contemporaneidade exigente em flexibilidade face aos complexos desafios, seja por encontrarem grandes dificuldades de plena concretização dos seus sonhos, gostos e sentidos, seja ainda por serem forçados a experiências sociais determinantes da sua identidade juvenil sem que lhe sejam conferidos os meios necessários à inserção socioprofissional.

É comum admitir-se que a juventude é uma categoria inventada pelos adultos ou como afirmou, a título provocador, Bourdieu, apenas uma palavra, pois "somos sempre o jovem ou o velho de alguém" (1983, p. 113), para demonstrar como as divisões entre as idades são sempre arbitrárias se não forem contextualizadas nos processos histórico-culturais das suas vivências, como se passa a desenvolver.

Da conceção interdisciplinar da juventude à sua operacionalização analítica

As condições históricas e materiais determinam inequivocamente o lugar que a juventude ocupa em dada sociedade, assim como o destaque que as várias ciências sociais lhe conferem nos seus domínios de estudo.

Na sociedade medieval não existia uma etapa de transição destacada da infância para a adultez, passando a infância e a juventude a ser consideradas etapas separadas da vida adulta apenas no final do século XVII. Desde aí, e com oscilações variáveis, a importância da adolescência e da juventude tem aumentado sendo que, na sociedade atual, essa relevância se deve, em grande medida, a profundas alterações na vivência em sociedade a que a democratização escolar e a prolongada permanência dos jovens no sistema escolar não são alheias.

A juventude não é tida como um conceito unívoco e manifesta-se de forma desigual perante diferentes critérios sociais, tais como classe social ou género. Ser jovem não depende tão somente da idade como característica biológica – condição do corpo – mas também do contexto social que determina as condições de aceitação diferencial da moratória, como categoria *social* que detém alguns privilégios. Deste modo, a juventude é entendida como uma categoria social transitória, cujas componentes que identificam o indivíduo como membro são: i) biológica (puberdade); ii) psicológica (pensamento formal/adolescência); e iii) sociológica (dependência) – o jovem indivíduo é independente em termos biológicos e psicológicos mas dependente no que concerne aos aspetos sociais. A saída da adolescência faz-se através de fatores sociais, a sua entrada por fatores biológicos, enquanto que a sua permanência resulta de fatores psicológicos.

Enquanto compasso de espera onde o indivíduo ainda não possui responsabilidades sociais imediatas e está impossibilitado de desempenhar autonomamente alguns papéis sociais atribuídos normalmente aos adultos, a juventude é uma etapa de transição, por onde todos passam mas ninguém permanece. Marca fortemente os indivíduos ao determinar a essência da formação da sua personalidade e ao ser um elemento permanente das características próprias do todo social. Para alguns sociólogos (*e.g.* Braga da Cruz, Seruya, Reis & Schmidt, 1984; Pais, 1998; Guerreiro & Abrantes, 2007), define uma subcultura específica com a manifesta contradição entre dependência e autonomia, e que se constitui como uma condição social.

A atual condição social da juventude, dada a situação de dependência e subordinação a que esta está sujeita, intensificada pela complexidade da vida social e o prolongamento dos estudos que provocam o atraso da inserção dos jovens no mundo dos adultos, remete para a possibilidade de existir uma "pluralidade de juventudes" ou uma juventude mais longa do que em épocas anteriores. Enquanto etapa de vida transitória, o indivíduo na juventude deve possuir a oportunidade de *testar, experimentar e explorar* antes de assumir as suas responsabilidades adultas, naquilo que Erikson já definia desde os anos 70 na teoria do desenvolvimento psicossocial, de período de moratória social.

Tido como um momento benéfico na vida de qualquer jovem, a moratória constitui-se como um ideal uma vez que não pode ser vivido por todos. Cada sociedade institucionaliza uma dada moratória para a maioria dos jovens, mas não para a sua totalidade. Isto é, nem todos os jovens estão sujeitos a condições culturais e socioeconómicas semelhantes, e nem mesmo os que se encontrem em circunstâncias semelhantes reagem da mesma forma a tais condições de vida.

Muitos, pela exigência de uma especialização cada vez mais fragmentada e necessidade de obtenção de diplomas que facilitem a integração no mercado de trabalho, prolongam os estudos e permanecem mais tempo num estado de "sujeição" / dependência social. Outros, impedidos de integrar com relativa facilidade e rapidez o "mundo dos adultos" ou, dispondo de uma pausa ou compasso de espera concedido pela sociedade, passam por experiências desejáveis para a formação da sua identidade e socialização antecipatória que lhes possibilita a aprendizagem prévia dos modelos comportamentais que lhe irão ser exigidos futuramente.

A escola e o mundo do trabalho são considerados agentes de socialização nas sociedades modernas, cuja função socializadora evidencia distintos efeitos perversos tendentes a dificultar a inserção do indivíduo no meio social que o acolhe (Léger, 1977). O caos cultural ou anomia, defendido por R. Merton desde a década de 70, constitui assim uma realidade na sociedade atual onde a juventude, em especial, enfrenta uma evidente disfunção entre as metas prosseguidas e as estruturas colocadas à sua disposição. Ou seja, a estrutura social não fornece aos jovens uma base concisa para a formulação da previsibilidade e regularidade do seu comportamento social o que resulta, inevitavelmente, numa discordância entre as normas e metas culturais e as capacidades socialmente estruturadas dos membros do grupo em agir de

acordo com as primeiras. É esta multidimensionalidade em torno do conceito de juventude que recorrentemente é assumida como objeto de estudo de diversas ciências sociais, cujas "abordagens sociológicas, psicológicas, pedagógicas, antropológicas, analisam mudanças físicas, psicológicas e comportamentais que ocorrem nesse momento da vida" (Souza, 2004, p. 48).

A complexidade da temática da juventude tende a ser operacionalizada através da identificação de um grupo etário, que não pode ser entendido apenas como um conjunto de anos agregados face a um processo linear, mas como um determinante de comportamentos e expectativas que lhes estão associados no contexto histórico-cultural que o integra. Também os limites de idade desse grupo não são consensualmente assumidos, havendo sobretudo diversidade do limite superior que tende a alargar-se quando a duração e as caraterísticas dos jovens se manifestam até mais tarde no seu percurso de vida.

Sem perder de vista o pressuposto que a juventude é uma categoria socialmente construída (Pais, 1993) e sujeita a alterações ao longo dos tempos, o grupo etário considerado no presente trabalho corresponde ao período entre os 15 e os 29 anos, ou seja, o adotado em trabalhos desenvolvidos pelo Observatório Permanente da Juventude do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (OPJ) com base em dados censitários disponibilizados pelo Instituto Nacional de Estatística (Ferreira, 2006; Ferreira, Figueiredo & Lorga da Silva, 1999), e mais recentemente, no estudo desenvolvido por Vieira, Ferreira & Rowland (2015).

Migrações e assimetrias territoriais: desigualdades percebidas ou motivações identitárias a partir do quadro teórico

A decisão de migrar está, muitas vezes, associada às mais importantes transições da vida, tais como ingressar no ensino superior, casar ou garantir um ingresso no mercado de trabalho. Vontade de mudança em busca de um novo estilo de vida, que possibilite a realização de aspirações associada à obtenção de padrões de vida mais dignos por via da inserção no mercado de trabalho, são os principais fatores que determinam as migrações, particularmente protagonizadas pelos jovens.

Segundo Peixoto (2006), as migrações económicas foram durante muito tempo assumidas, na bibliografia internacional, como um exemplo

do fracasso do processo de desenvolvimento, especialmente do ponto de vista dos países de origem. Tal derivou predominantemente de duas perspetivas: i) incapacidade de reter as populações locais que só conseguem alcançar os objetivos de melhoria de vida no exterior; e ii) perda acentuada de recursos humanos, nomeadamente de indivíduos mais dinâmicos e/ou qualificados da população (as migrações são seletivas). Tratando-se de acontecimentos que provocam nos migrantes sentimentos de receio e de incerteza pelas mudanças de vida que originam, tais mudanças exercem ainda um efeito de retroação sobre as instituições e os indivíduos. Nesta perspetiva, as perdas e ganhos estatísticos são assim substituídos por uma nova situação onde se buscam reequilíbrios de contexto. Sobretudo a partir dos anos 90, este pressuposto tem sido utilizado para destacar a existência de alguns ganhos universais nas migrações, mesmo para o território de origem quando, habitualmente, os benefícios só eram atribuídos ao migrante em termos individuais e sua família.

Um dos primeiros autores a apresentar um contributo explicativo dos movimentos migratórios num estudo de 1885 que designa de "leis de migração", foi Ravenstein e que inclui sete dimensões (Ravenstein, 1885): 1 - Migração e distância - a maioria desloca-se para curtas distâncias e os que optam por destinos mais distantes fazem-no para centros de indústria e de comércio de grandes valências; 2 - Migração por etapas – a atração que uma cidade em franco crescimento exerce nos migrantes inicia-se pela periferia, estendendo-se progressivamente para lugares mais remotos; 3 - Correntes e contracorrentes – os fluxos migratórios apresentam movimentos de ida e volta, ou seja cada corrente migratória provoca um fluxo de menor intensidade mas de sentido inverso - contracorrente; 4 - Propensão relativa das populações rurais e urbanas – verifica-se uma maior probabilidade das populações rurais migrarem; 5 - Preponderância do contingente feminino nas migrações de curta distância; 6 - Relação da tecnologia com as migrações – os fluxos migratórios estão associados ao aumento das acessibilidades/transportes e ao desenvolvimento da indústria e do comércio; 7 - motivos económicos. Mas, não obstante, é certo que o desejo intrínseco à maioria dos migrantes recai sobre a necessidade de melhoria das suas condições materiais de existência.

A base teórica dos modernos modelos de atração-repulsão, ou dos designados modelos «push-pull» (Jackson, 1991), tem vindo a ser confirmada por diversos estudos empíricos. A abordagem relacionada com

as teorias de mercado de trabalho assume que "a mobilidade populacional se verifica dos locais onde há abundância de oferta de mão-de-obra, baixas remunerações e escassez de capital, para locais onde a mão-de-obra escasseia e os salários e o capital são mais elevados." (Gonçalves, 2009, p. 26). A análise que radica na existência de fatores/variáveis que intervêm como precursores da tomada de decisão de um indivíduo racionalmente motivado (racionalismo económico), articula-se, necessariamente, com a perspetiva geográfica (importância da dimensão espaço). Peixoto (2004) defende ainda a existência de um conjunto de possíveis cruzamentos entre a área disciplinar da economia e da sociologia (Quadro 1).

Quadro 1 - A análise das migrações: um modelo de investigação

		Objeto	
		Economia	**Sociologia**
Perspetiva metodológica	Individualista	Racionalidade instrumental / Mercado de trabalho / Rendimentos / Investimento em capital humano	Ciclo de vida / Carreira / - Mobilidade social / Ação não instrumental
	Holística	Mercado de trabalho segmentado / Flexibilização/ Sistemas espaciais / Sistemas – mundo / Sistemas migratórios	Família / Instituições / Organizações / Redes migratórias / Enclaves étnicos / Normas e imagens coletivas

Fonte: Peixoto (2004, p. 12)

A análise do Quadro 1 evidencia quadrantes que remetem para uma leitura cruzada e, consequentemente, para uma abordagem dual sem omitir que, face à inexistência de uma "teoria geral da migração", a interdisciplinaridade tem sido uma constante nas teorias explicativas das migrações. A migração é um problema demográfico, económico, político, sociológico e do campo da psicologia social, evidenciando a investigação realizada essa interdisciplinaridade, qualquer que seja a tentativa de sistematizar os seus principais determinantes.

É frequente a sistematização das teorias migratórias em dois grupos em função do domínio que privilegiam: i) o papel do indivíduo na tomada de decisão apesar do contexto socioeconómico da ação; e ii) a ação de fatores do tipo estruturante ou coletivo que determinam as decisões migratórias.

No primeiro caso, a racionalidade individual depende das razões materiais (condições atuais e potenciais de níveis de rendimento e de emprego), onde os custos das deslocações são menores do que os benefícios esperados, relativamente ao emprego/desempego, alteração de rendimentos, redes sociais locais e informações sobre oportunidades de emprego e habitação. O pressuposto de "investimento em capital humano", conduz a que a migração tenda a diminuir com a idade, uma vez que quanto mais idade tiver o indivíduo menor é o tempo que dispõe para compensar o investimento. Paralelamente, existe uma forte correlação entre a migração e as variáveis do ciclo de vida familiar, em que os indivíduos casados e/ou com famílias de grande dimensão apresentam menores probabilidades para migrarem. E os migrantes tendem ainda a fazer emergir uma manifesta relação entre mobilidade territorial, alteração de emprego e mobilidade social ascendente.

Na segunda situação, encontram-se os fatores estruturantes ou coletivos que, no atual sistema-mundo, correspondem à emergência de um mercado de trabalho global. *Wage zones* – zonas salariais – diferenciadas são a principal razão dos fluxos migratórios, onde, os mecanismos de centralidade e de perifericidade, conduzem à existência de excedentes de mão-de-obra nas periferias com baixos salários, enquanto é manifesta a necessidade de recursos humanos e altos salários nos países/regiões mais desenvolvidas. A atividade produtiva transnacional, a concentração urbana das atividades produtivas, a hipermobilidade do capital e do trabalho, um mercado de trabalho segmentado e uma economia informal, denotam elevado potencial explicativo dos fluxos migratórios da atualidade (Peixoto, 2004) e, muito em particular, das migrações de jovens pela forma como estes se posicionam nesse mercado de trabalho global.

Para Heaton, Clifford & Fuguitt (1981), os determinantes da migração dos jovens assentam sobretudo em fatores económicos embora alguns não-económicos também sejam relevantes. O prolongamento da transição para a idade adulta em países economicamente desenvolvidos (Billari & Liefbroer, 2007; Corijn & Klijzing, 2001; Furlong & Cartmel, 2007), o declínio das tradicionais trajetórias para o mercado de trabalho (Giddens, 1991; Nica, 2015), a idade média ao sair de casa (Billari & Liefbroer, 2007; Corijn & Klijzing, 2001; Iacovou, 2002), a disponibilidade de habitação (Martinho, 2011) e, ainda, diferenças nos recursos individuais e parentais, na estrutura familiar, na região de residência e no apoio do Estado, também são de destacar (Blaauboer & Mulder, 2010; Buck & Scott, 1993; De Jong, Liefbroer

& Beekink, 1991; Goldscheider, 2000; Iacovou, 2010). O diferencial de rendimento foi o principal fator encontrado por Bertocchi & Strozzi (2006).

Num estudo sobre as intenções de migração dos jovens na União Europeia, Kahanec & Fabo (2013) encontraram como fatores de atração e/ou restrições à permanência no Estado de origem as condições sociais, económicas e políticas no exterior, bem como as redes sociais existentes no estrangeiro. Curiosamente, o efeito da perceção do melhor sistema social e de cuidados de saúde no estrangeiro apenas marginalmente parece ter um efeito positivo sobre as intenções migratórias. Por outro lado, vários constrangimentos relacionados com os custos percebidos de migração são fatores muito relevantes que limitam as intenções de migração dos jovens.

O relatório da ONU (2013) enfatiza o facto de os jovens com origens socioeconómicas mais desfavorecidas ou com menores habilitações literárias serem mais vulneráveis à migração, face a jovens melhor preparados ou com mais recursos. Ainda assim, as exigências do mercado de trabalho, o acesso a redes influentes ou a contatos, também desempenham um papel significativo e podem alterar esse padrão, fazendo com que um jovem migrante altamente educado ou qualificado possa não conseguir um bom posto de trabalho se a procura na sua área de especialização for reduzida.

O estudo de Glendinning, Nuttall, Hendry, Kloep & Wood (2003) em comunidades rurais do norte da Escócia, através de entrevistas aplicadas a residentes, revela que a possibilidade de acesso mais fácil a oportunidades de emprego e de educação são as determinantes para a decisão de migrar do espaço rural. Também Brooks, Lee, Berry & Toney (2010) estudando a migração a partir das áreas rurais, concluíram que entre as motivações para a saída das áreas rurais estão fatores como o género, a raça, a educação das mães, a qualidade da habitação, a mudança de qualificações escolares bem como do estado civil, entre outros. Neste sentido alinha-se também o estudo de Cairns (2014) que identifica como determinante das migrações jovens, entre outros, a ocupação profissional e o *background* das famílias e o facto de estas encorajarem (ou não) a deslocação. No caso português, um estudo de Roca & Pimentel (2003) conclui que variáveis como a proporção de alojamentos para residência habitual, o nível de desemprego e a densidade populacional explicam o comportamento do saldo das migrações internas, ou seja, do peso relativo dos saldos migratórios na população residente.

Desenvolvimento regional e coesão territorial - o caso da Região Alentejo

Desde há décadas que a população portuguesa tende a migrar e a concentrar-se nas cidades capitais de distrito no litoral e, em particular, nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto (AML e AMP). A AML regista mais de 2.5 milhões de habitantes e a AMP mais de 1.5 milhões, pelo que mais de 40% da população nacional reside nestas duas áreas metropolitanas. Lisboa assinala uma densidade populacional de 6 446,2 hab./km^2 e o Porto 5 736,1 hab./km^2, ao passo que Faro regista apenas 319, 8 hab./km^2.

A região Alentejo (NUTS II), com cerca de 1/3 da área total do continente português, é constituída por cinco sub-regiões (NUTS III) – Alto Alentejo, Alentejo Central, Alentejo Litoral, Baixo Alentejo e Lezíria do Tejo. Os Censos de 2011 (INE, 2012) apontam para uma população residente um pouco acima dos 750 mil habitantes (cerca de 7% da população nacional), com tendência decrescente nas últimas décadas, acompanhada de um duplo envelhecimento – aumento do número de idosos e diminuição do número de jovens (CCDRA, 2014) e uma densidade populacional média de cerca de 24 hab./km^2 em contraste com a densidade populacional média de 112,8 hab./km^2 no continente (a média nacional é de 114,5 hab./km^2). Verificando-se as maiores concentrações de população nas sedes de concelho, o desequilíbrio na distribuição da população que se verifica no continente é também uma evidência quando se analisa de forma mais detalhada a própria região Alentejo, ao nível das NUTS III. A título de exemplo, dos 58 municípios que constituem esta região, Cartaxo e Santarém registam uma densidade populacional de 154,7 e 111,0 hab./ km^2 respetivamente, o que contrasta em larga medida com os 5,6 hab./ km^2 de Mértola ou os 7,5 hab./ km^2 de Aviz. Mesmo no litoral alentejano as diferenças são significativas, registando Sines 70,0 hab./ km^2 face aos 8,7 hab./ km^2 de Alcácer do Sal. No Alentejo Central, Évora assinala 43,3 hab./ km^2, Borba 50,5 hab./ km^2 e Vendas Novas 53,3 hab./ km^2 mas Mourão detém 9,6 hab./ km^2. Verificam-se municípios com densidades populacionais muito baixas, cuja tendência parece ser a do despovoamento, não podendo, contudo, afirmar-se que são apenas as áreas do litoral as ganhadoras, já que algumas são cidades do interior. À semelhança do que acontece em Portugal e é referido por Roca & Pimentel (2003), grandes áreas do interior no Alentejo ficam em

risco de despovoamento devido à dupla ação do crescimento natural e migratório negativos.

A par da assimetria na distribuição da população, verifica-se diminuição da população jovem, evidência que é comprovada pelos Censos nacionais (INE, 2002, 2012). Vieira, Ferreira & Rowland (2015, p. 7) referem que se assiste nos últimos anos e de forma acelerada ao seu contínuo decréscimo, não só em número, mas também em peso relativo no conjunto total da população. Ao analisar as estimativas da população residente com base nos últimos CENSOS de 2011, os autores afirmam registar-se pela primeira vez, desde finais dos anos 80 do século passado, um decréscimo geral de população entre 2010 e 2011 (que entre 2001 e 2010 registou ligeiro aumento), começando a acompanhar o fenómeno de decréscimo progressivo e acelerado da população mais jovem que se verificava desde meados dos anos 90.

Entre 2001 e 2011, houve um decréscimo de 21,3% dos jovens da classe etária entre os 15 e os 29 anos, representando, em 2011, apenas 16,8% da população portuguesa (em contraste com os 21,7% em 2001). Como causas desta diminuição, a que se associa o fenómeno do envelhecimento da população, são apontados o decréscimo prolongado das taxas de natalidade, aliadas ao impacte da crise económica que veio fomentar a emigração para fora do país e diminuir a imigração (Peixoto, 2013, citado por Vieira, Ferreira & Rowland 2015). A par desta evidência a nível nacional, Moreira & Rodrigues (2008) referem que o Alentejo possui a maior percentagem de idosos (185 por cada 100 jovens, em 2006), acompanhando este fenómeno de envelhecimento as zonas de declínio de fecundidade e movimentos significativos de emigração e/ou migrações para outras zonas, nomeadamente para o litoral e para os centros urbanos - o que, segundo os autores, traduz em termos geográficos a dicotomia entre zonas economicamente atrativas e zonas repulsivas.

No que se refere à distribuição da população jovem (15-29 anos) pelo território nacional, Vieira, Ferreira & Rowland (2015) indicam que, não havendo variações significativas entre 2001 e 2011, se confirma a tendência de há décadas para a crescente urbanização e litoralização. À semelhança do que acontece com a população em geral, os distritos de Lisboa e do Porto registam os valores mais elevados, num total conjunto de 38,8% da população jovem residente, em 2011. Os valores apresentados evidenciam a fraca expressão da população jovem no conjunto dos distritos que agregam os municípios em estudo – Beja (1,3%), Évora (1,5%), Portalegre (1,0%)

e Santarém (4,0%) – num total de 7,8%, e a disparidade que se verifica de novo entre distritos da região Alentejo. O papel das migrações internas e os fatores explicativos deste processo revelam-se de novo fundamentais na compreensão destas disparidades, a que não será alheia a alteração para novos modelos de comportamento e a capacidade atrativa de cada local.

Os diagnósticos da região Alentejo, realizados no âmbito dos mais recentes documentos de planeamento estratégico, nomeadamente o Plano de Ação Regional - PAR (CCDRA, 2013) e a Estratégia Regional de Especialização Inteligente (CCDRA, 2014), evidenciam a recessão prolongada da demografia regional e o duplo envelhecimento (que consideram atingir limiares de vitalidade endógena preocupantes) a par da baixa capacidade de atração e fixação de talentos e de população jovem e qualificada, como os maiores constrangimentos a ultrapassar. Acresce a desvitalização social e económica da região (nomeadamente de importantes aglomerados urbanos e dos territórios de baixa densidade), entre outros. Estas assimetrias encontradas ao nível da distribuição da população e também verificadas ao nível das atividades económicas, traduzem-se em diferenças significativas nos níveis de desenvolvimento das regiões e dentro de cada região, que não favorecem a coesão territorial.

Segundo o PAR (CCDRA, 2013), a região Alentejo tem acompanhado, na última década, a evolução dos ciclos de crescimento da economia nacional, representado o Produto Interno Bruto (PIB) 6,5% do total nacional e o Valor Acrescentado Bruto (VAB) igual valor. De acordo com o PIB *per capita*, o nível de vida na região Alentejo registou um comportamento de relativa estabilidade entre 2007 e 2012, verificando-se uma ligeira tendência de decréscimo entre 2011 e 2012 (o mesmo aconteceu a nível nacional) mas mantendo a sua posição relativa quando comparada com as outras regiões do país, próxima da média nacional. Ao nível intrarregional, verificam-se grandes disparidades ao nível das NUTS III, sendo o Alentejo Litoral a única que apresenta um PIB *per capita* superior à média nacional (a segunda melhor posição em termos nacionais em 2011) mantendo-se todas as outras em posições inferiores àquela média. O Alto Alentejo regista o maior afastamento (CCDRA, 2014).

No que se refere à produtividade da região, esta apresenta um desempenho bastante positivo ao nível da evolução e também comparativamente com a média nacional e com as restantes regiões do país, o que se pode constituir como uma vantagem regional do ponto de vista da atratividade da

região (CCDRA, 2014). Nesta conjuntura, no que se refere ao VAB, tem-se verificado uma transformação sectorial do tecido económico-produtivo da região marcada pela perda de importância do sector da Agricultura e Pescas (9% do VAB regional e 9% do emprego) e o rápido crescimento do peso do sector da Indústria e do Comércio (42% do VAB no Alentejo Litoral e 31% no Baixo Alentejo). Este sector (que inclui o sector energético) apresenta valores acima da média nacional nas NUTS III Alentejo Litoral, Baixo Alentejo e Lezíria do Tejo. O sector dos Serviços foi o que registou crescimento mais rápido em todas as sub-regiões, denotando assim a sua enorme relevância ao nível do sector produtivo regional.

Globalmente, é a NUTS III Alentejo Litoral que apresenta um crescimento mais rápido da evolução do VAB (até em relação ao crescimento do conjunto da economia portuguesa), o que decorre das atividades relacionadas com o Porto de Sines, de elevado rácio capital/trabalho. O valor mais assimétrico é o do Alto Alentejo, o mais baixo ao nível sub-regional. O Alentejo regista assim as maiores assimetrias sub-regionais, ao nível do país (CCDRA, 2013; CCDRA, 2014). Esta distribuição sectorial do VAB regional acompanha de perto a estrutura de emprego. Os sectores com maior relevância do tecido produtivo são a Administração Pública e o Comércio, Hotelaria e Restauração que, em conjunto, detêm cerca de metade dos empregos regionais. Seguem-se as atividades económicas ligadas à Indústria e as ligadas à Agricultura, Silvicultura e Pescas (CCDRA, 2014).

Outros elementos caracterizadores da região podem ser aferidos através do Índice Sintético de Desenvolvimento Regional (ISDR), nos domínios da Coesão, da Competitividade e da Qualidade Ambiental. Em relação às restantes regiões do país e à média nacional (índice 100), o Alentejo apresentava, em 2010, um valor de 96, 72, sendo Lisboa e Vale do Tejo a única com um valor acima da média nacional (106,48). Ao nível das NUTS III não se verificam grandes disparidades (CCDRA, 2013). O estudo refere que o Alentejo ocupa a sua melhor posição regional ao nível da Coesão (dimensão que traduz a qualidade de vida das populações, nomeadamente acesso a infraestruturas básicas bem como à saúde e educação), sendo também nesta dimensão que se tem verificado uma melhoria significativa da sua posição relativa, ultrapassando os níveis médios de qualidade de vida do país. É ainda referida a importância do Alentejo em termos de Qualidade Ambiental, que se afirma como

uma importante valia para a região. É na componente Competitividade que a região apresenta maiores fragilidades, tendo vindo a decrescer a sua posição relativa às restantes regiões do país. Finalmente, o estudo salienta "a relação inversa que parece existir entre as componentes "Competitividade" e "Qualidade Ambiental", como se verifica pela performance do Alentejo Litoral, que evidenciando o melhor desempenho ao nível da competitividade, não consegue conciliar este resultado com uma performance adequada ao nível da qualidade ambiental. No sentido inverso, a sub-região do Alto Alentejo, regista o pior posicionamento regional ao nível da competitividade e o melhor registo regional ao nível da qualidade ambiental (superior à média nacional)" (CCDRA, 2013, p. 74).

Análise dos dados

Métodos

Com vista a atingir os objetivos perspetivados neste trabalho de investigação, foram utilizados dados recolhidos junto do Instituto Nacional de Estatística. Para o efeito foram obtidas variáveis respeitantes a movimentos migratórios para diferentes faixas etárias – comparando, designadamente, o grupo dos jovens (indivíduos com idades compreendidas entre os 15 e os 29 anos) com os restantes indivíduos presentes na população. Na análise desenvolvida procedeu-se à distinção dos indivíduos presentes na população residente por sexo. Para a melhor compreensão das migrações foram estimados modelos utilizando um conjunto de variáveis que, de acordo com a revisão da bibliografia e com o conhecimento das características da região, se considera que podem ser potenciais determinantes desses movimentos migratórios. Os dados recolhidos respeitam ao ano de 2011, sendo que os relativos às migrações provêm do Recenseamento da População. A unidade de análise fundamental neste estudo são os concelhos (foram considerados os 58 concelhos das 5 NUTS III do Alentejo).

O estudo dos movimentos migratórios foi realizado com base em diversas variáveis. Para além do saldo migratório foram também analisados os movimentos de deslocação da população entre freguesias, entre concelhos, provenientes do estrangeiro bem como as alterações de local de residência

comparativamente ao ano de 2009. Como variáveis potencialmente explicativas e determinantes dos fluxos migratórios foram identificadas as seguintes: Taxa de Emprego, Taxa de Desemprego, Poder de Compra *per capita*, Preço Médio da Habitação, Proporção de Alojamentos para Residência Habitual, População Empregada por Sector de Atividade (consideraram-se, separadamente, os sectores Secundário e Terciário), Número de Estabelecimentos de Ensino, Qualificação da População (neste caso considerou-se a proporção de população com o ensino secundário e com o ensino superior), Número Total de Centros de Saúde, Número de Recintos Culturais, Índice de Dependência dos Jovens e Densidade Populacional.

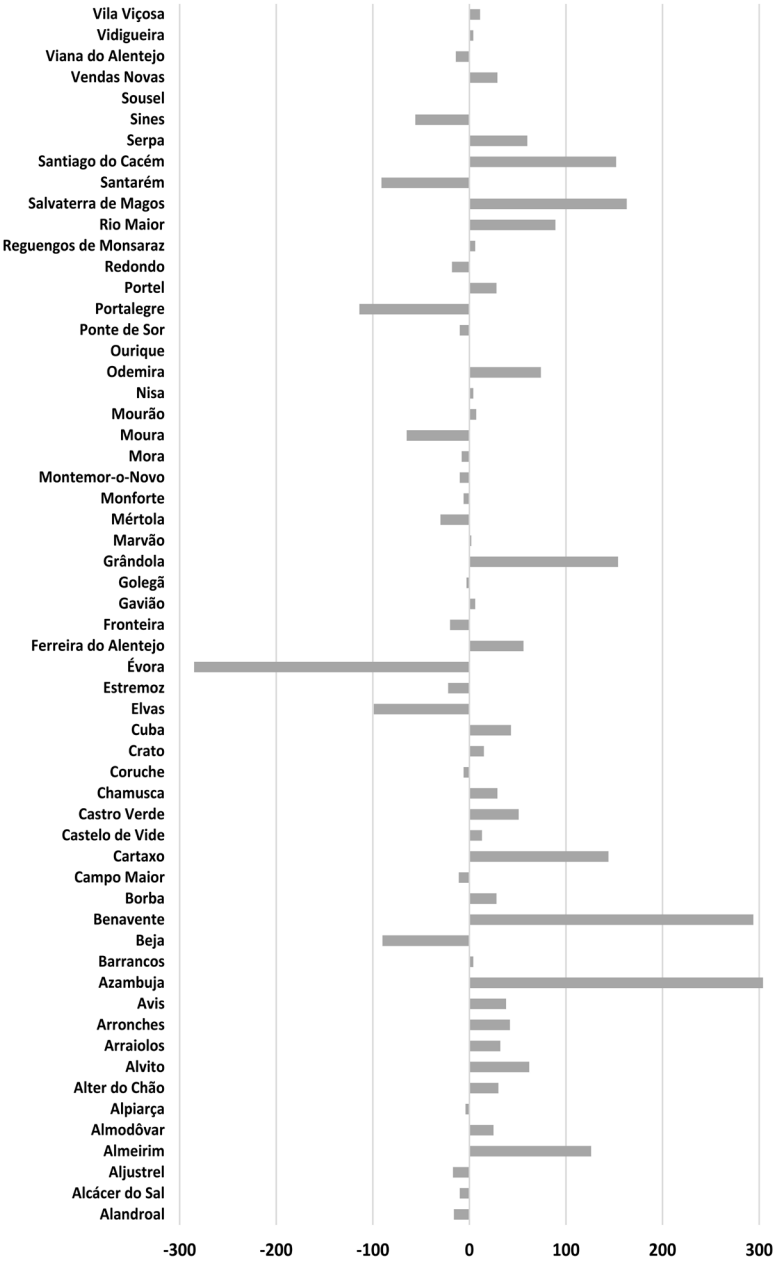
Com vista a tratar a informação obtida, foi empreendida numa primeira fase uma análise descritiva das variáveis em estudo. Naturalmente que, dados os objetivos, esta análise seria insuficiente e por isso foram aplicadas técnicas de estatística inferencial com vista a melhor compreender o fenómeno em estudo. Neste sentido, foram aplicados testes de comparação de médias para compreender as diferenças entre variáveis referentes a movimentos migratórios entre jovens e restantes faixas etárias. No fundo tenta perceber-se se há diferenças significativas entre os valores médios das variáveis em causa para jovens e restante população. Para além dos testes de comparação de médias baseados na distribuição de t-Student, foram ainda aplicados os testes não-paramétricos de Wilcoxon-Mann-Whitney. Uma vez que os resultados não são qualitativamente diferentes, opta-se por apresentar apenas os resultados paramétricos, dados que gozam de maior robustez estatística.

De modo a analisar o impacte de variáveis macroeconómicas nos saldos migratórios, foram estimados modelos de regressão linear múltipla. Neste contexto, as variáveis dependentes referem-se aos saldos migratórios de jovens e das restantes faixas etárias. As variáveis independentes ou explicativas são constituídas pelas variáveis já enunciadas nesta secção. De referenciar que foram tidos em consideração os pressupostos de Gauss-Markov para um modelo de regressão *cross-section*, estimado com o Método dos Mínimos Quadrados.

Resultados

De acordo com o anteriormente descrito, acerca das características populacionais e económicas do Alentejo, o despovoamento e o envelhecimento da população presente no território colocam a análise e a discussão dos resultados no universo dos "pequenos números" na medida em que qualquer ligeiro movimento de entrada ou saída de população de um concelho pode fazer toda a diferença, assim como à forma como as migrações afetam os vários concelhos do Alentejo. Os Gráficos 1 e 2 (construídos com dados para todos os concelhos onde ocorreram migrações) mostram que o fenómeno migratório atinge de forma distinta os vários concelhos do Alentejo. A análise dos valores absolutos dos saldos migratórios (Gráfico 1) revela que os concelhos que mais indivíduos atraíram estão localizados nas sub-regiões da Lezíria do Tejo e do Alentejo Litoral, enquanto que as cidades de maior dimensão da região (Beja, Elvas, Évora, Portalegre e Santarém) são também as que se destacam pelo facto de registarem saldos negativos de maior dimensão.

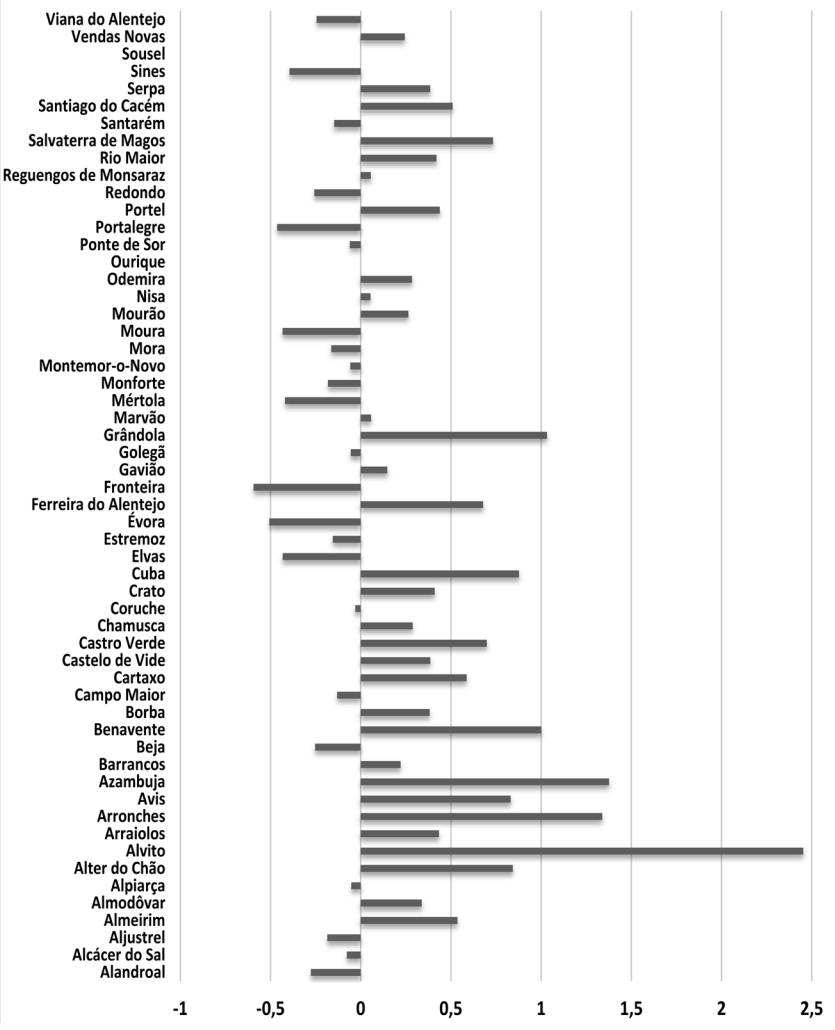
Gráfico 1 - Saldos migratórios por concelhos, 2011



Fonte: Elaboração própria a partir de dados INE

Quando a análise reflete a importância dos saldos migratórios na população residente nos vários concelhos (Gráfico 2), aos concelhos já identificados anteriormente somam-se um novo conjunto, sobretudo do Alto Alentejo e do Baixo Alentejo, com um número de residentes muito baixo e um elevado nível de envelhecimento (por exemplo, Almodôvar, Alter do Chão, Arronches e Avis, entre outros).

Gráfico 2 - Proporção dos saldos migratórios na população residente, 2011



Fonte: Elaboração própria partir de dados INE

Os resultados das estatísticas descritivas realizadas para as variáveis que representam os movimentos da população (*cf.* Tabela I em Anexo) mostram, no caso dos saldos migratórios, em concreto, que estes são negativos para o grupo de jovens e positivo para os restantes grupos de idades. Assim, conclui-se que as saídas de indivíduos jovens dos concelhos do Alentejo é maior que as entradas, enquanto que nos restantes grupos populacionais acontece o contrário: o número de indivíduos que chega é superior ao que sai. Este comportamento corresponde, em geral, ao regresso à terra natal de indivíduos que durante os anos de juventude e idade ativa residiram em áreas urbanas e metropolitanas de maior dimensão, no país ou no estrangeiro, com maior facilidade de acesso ao emprego e melhores níveis de qualidade de vida. A natureza destes movimentos reforça duplamente o fenómeno do envelhecimento populacional no Alentejo, quer através da saída de jovens quer através da atração de população mais idosa.

A rejeição da hipótese nula dos testes t à igualdade de médias, para diversas variáveis relativas aos movimentos da população, corrobora o resultado da diferença de comportamentos entre a população jovem e os restantes grupos populacionais (Tabelas 1 e 2). O estudo foi efetuado a partir das seguintes variáveis: *População que mudou de residência para outro município, População que residia no estrangeiro, População que em 2009 residia noutro concelho* e *Saldo migratório*. Apresentam-se, de seguida, e a título de exemplo, os resultados para as variáveis *População que mudou de residência para outro município* e *Saldo migratório*.

Tabela 1 - Teste t de igualdade de médias para a variável *População que mudou de residência para outro município*

Teste T: duas amostras com variâncias desiguais

	5 População que mudou de residência para outro municipio HM (ENTRADAS)	
	Jovens	*Restantes*
Média	95,56897	240,7069
Variância	10694,14	52246,6
Observações	58	58
Hipótese de diferença de média	0	
gl	79	
Stat t	-4,40584	
P(T<=t) bi-caudal	3,28E-05	
t crítico bi-caudal	1,99045	

Teste T: duas amostras com variâncias desiguais

	5 População que mudou de residência para outro municipio H(ENTRADAS)	
	jovens	*restantes*
Média	44,34483	121,5862
Variância	2326,44	14713,72
Observações	58	58
Hipótese de diferença de média	0	
gl	75	
Stat t	-4,50637	
P(T<=t) bi-caudal	2,38E-05	
t crítico bi-caudal	1,992102	

Teste T: duas amostras com variâncias desiguais

	5 População que mudou de residência para outro municipio M(ENTRADAS) jovens	
	jovens	*restantes*
Média	51,22414	119,1207
Variância	3253,37	12311,86
Observações	58	58
Hipótese de diferença de média	0	
gl	85	
Stat t	-4,14461	
P(T<=t) bi-caudal	8,01E-05	
t crítico bi-caudal	1,988268	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados INE

Tabela 2 - Teste t de igualdade de médias para a variável *Saldo migratório*

Teste T: duas amostras com variâncias desiguais

	Saldo migratório HM (Entradas-Saídas)	
	Jovens	*Restantes*
Média	-4,8275862	19,3103448
Variância	1375,05747	7658,63884
Observações	58	58
Hipótese de diferença de média	0	
gl	77	
Stat t	-1,9341106	
P(T<=t) bi-caudal	0,05677379	
t crítico bi-caudal	1,99125436	

	Saldo migratório H (Entradas-Saídas)	
	Jovens	*Restantes*
Média	-1,2758621	13,5172414
Variância	532,589232	2744,18391
Observações	58	58
Hipótese de diferença de média	0	
gl	78	
Stat t	-1,9681133	
P(T<=t) uni-caudal	0,02630435	
t crítico uni-caudal	1,66462464	

Teste T: duas amostras com variâncias desiguais

	Saldo migratório M (Entradas-Saídas)	
	Jovens	*Restantes*
Média	-3,5517241	5,79310345
Variância	321,725348	1936,41258
Observações	58	58
Hipótese de diferença de média	0	
gl	75	
Stat t	-1,4976491	
P(T<=t) uni-caudal	0,06921075	
t crítico bi-caudal	1,99210212	

Fonte: Elaboração própria a partir de dados INE

Para a generalidade dos casos estudados (Tabelas 1 e 2), é estatisticamente significativa a diferença de médias entre os jovens e os restantes indivíduos presentes na população. Este resultado verifica-se quando os dados se referem à população total ou ao estudo do comportamento de Homens e Mulheres em separado. Apenas na variável *Saldo migratório*, no caso das Mulheres, não se verifica o facto de serem estatisticamente significativas as diferenças das médias entre jovens e restantes grupos etários.

Os resultados anteriores, relativos à análise do *Saldo Migratório* (Tabela 2) refletem ainda o facto de o comportamento de Homens e Mulheres apresentarem intensidades distintas. No caso dos Jovens, em média, as Mulheres saem mais que os Homens. No caso dos restantes indivíduos os Homens entram em maior número que as Mulheres.

Com vista a explicar os fatores determinantes dos movimentos populacionais que têm lugar nos diversos concelhos, foi identificado um conjunto de variáveis, de acordo com a literatura, que pode contribuir para tal. As variáveis explicativas selecionadas (*cf.* Tabela II em Anexo) revelam que entre os concelhos do Alentejo, no que respeita a estes domínios, em geral, não existem diferenças significativas. Quer os valores do erro-padrão quer do desvio padrão e da variância permitem concluir neste sentido. Estas regularidades explicam-se, em nosso entender, pelo facto de a região ser bastante idêntica, por um lado, em termos das suas características económico-sociais e, por outro lado, porque a política pública, sobretudo ao nível das dimensões que contribuem para a coesão do território, dotou a região de um conjunto de equipamentos distribuídos de forma equilibrada, permitindo o acesso aos equipamentos fundamentais de saúde e educação, entre outros. Deste padrão de regularidade excetua-se, de forma bastante acentuada, a variável relativa ao *Preço médio da habitação* (domínio predominantemente da esfera de atuação do sector de construção e muito sensível às dinâmicas e volumes de procura). Além desta variável, registam também diferenças mais assinaláveis a *Densidade Populacional* (devido ao facto de diversos concelhos terem um nível de despovoamento muito intenso), o nível de qualidade de vida medido pelo *Poder de Compra per capita* e o *Número de Estabelecimentos de Ensino*. Naturalmente que a associação entre estes domínios é razoável uma vez que a população se sente atraída por locais com melhor nível de qualidade de vida e as condições de acesso à educação inserem-se nos fatores promotores de bons níveis de vida.

Com estas variáveis explicativas estimaram-se modelos de regressão com vista a apurar os determinantes, por um lado, dos saldos migratórios e, por outro, da população que mudou de concelho de residência. Os resultados obtidos com estes modelos encontram-se nas Tabelas III e IV em Anexo. Os modelos relativos à explicação do comportamento do *Saldo migratório* (Tabela III em Anexo) não se revelaram muito robustos (valores de R e R^2 medianos). Neste caso, na regressão explicativa

do comportamento migratório dos jovens são significativas as variáveis *Estabelecimentos de Ensino* e *Proporção de População com o Ensino Superior* (neste caso, com sinal negativo). Como determinantes do comportamento dos restantes grupos populacionais revelaram-se significativas as variáveis *Densidade Populacional* e *Proporção de População com o Ensino Superior* (também neste caso com sinal negativo).

A estimação das equações relativas à *População que mudou de concelho de residência* (Tabela IV em Anexo) revela-se mais robusta que as anteriores (valores de R e R^2 próximos de 100%). As variáveis significativas, nestes casos, são os *Estabelecimentos de Ensino* (no caso da regressão que estuda a população jovem) e além desta variável também a *Densidade Populacional* e a *Proporção de População com o Ensino Superior* (esta com sinal negativo) no caso da população considerada não jovem.

Estes resultados permitem concluir que os determinantes das migrações jovens, no Alentejo, apenas coincidem parcialmente com as variáveis que justificam as deslocações dos restantes grupos populacionais – e atendendo ao modelo mais robusto, no caso dos jovens as deslocações são explicadas a partir da variável *Estabelecimentos de Ensino* enquanto que no caso dos restantes indivíduos as variáveis explicativas mais relevantes são além dos *Estabelecimentos de Ensino,* a *Densidade Populacional* e a *Proporção de População com o Ensino Superior* (neste caso com sinal negativo). Assim:

- as aglomerações populacionais são importantes na atração de população migrante (este resultado também já havia sido obtido, entre outros, em Roca & Pimentel, 2003);
- existe uma relação positiva entre as deslocações dos jovens e a existência de estabelecimentos de ensino em maior número, o que facilita o acesso à educação e à qualificação;
- verifica-se uma relação negativa entre as migrações dos indivíduos não jovens e a *Proporção de População com o Ensino Superior*, o que poderá estar relacionado com o fenómeno das "migrações de retorno" aos concelhos de origem, de pequena dimensão populacional, com residentes mais envelhecidos e pouco qualificados.

Notas conclusivas

A explicação dos determinantes das migrações, sobretudo no caso dos jovens, não se resume à relação das deslocações populacionais com variáveis de natureza económica e social passíveis de serem medidas estatisticamente, uma vez que os fatores de índole individual e familiar são, em muitos casos, fortemente explicativos do comportamento dos indivíduos. A maior ou menor capacidade de enfrentar situações novas e desconhecidas fora do contexto familiar e dos locais de origem, o apoio da família aos projetos migratórios, o *background* escolar de quem se desloca e dos pais, entre outros, são ainda determinantes das migrações evidenciados na literatura.

Tendo como principal objetivo analisar e identificar os determinantes do fenómeno das migrações na categoria social dos jovens na região Alentejo com recurso a modelos de regressão linear múltipla, a investigação realizada permite retirar as seguintes conclusões:

- o fenómeno das migrações não afeta de forma idêntica os vários concelhos do Alentejo nem os diversos grupos etários: i) o Alentejo Litoral e a Lezíria do Tejo são as sub-regiões onde a capacidade de atração de novos residentes é maior; ii) enquanto os jovens continuam a revelar tendência de abandonar a região, os restantes indivíduos regressam ao Alentejo – estes comportamentos reforçam as características de duplo envelhecimento da população;
- os fatores que melhor explicam as migrações não são os mesmos para todos os grupos etários estudados: no caso dos jovens as deslocações são explicadas a partir da variável *Estabelecimentos de Ensino* enquanto que no caso dos restantes indivíduos as variáveis explicativas mais relevantes são, além dos *Estabelecimentos de Ensino,* a *Densidade Populacional* e a *Proporção de População com o Ensino Superior* (neste caso com sinal negativo).

A influência das instituições de ensino superior na fixação de jovens evidencia um papel enquanto promotores de desenvolvimento que deverá ser reforçado através de uma maior ligação ao tecido socioeconómico. Em linha com Rego & Caleiro (2012), o aumento da empregabilidade dos diplomados pelos estabelecimentos de ensino, localizados na região em estudo, contribuirá certamente para a fixação de jovens qualificados na região e permitirá melhorar os níveis de qualificação da população ativa do Alentejo.

Referências Bibliográficas

Heaton, T., Clifford, W., & Fuguitt, G. (1981). Temporal shifts in the determinants of young and elderly migration in nonmetropolitan areas. *Social Forces, 60*(1), 41-60.

Lacovou, M. (2010). Leaving home: independence, togetherness and income. *Advances in Life Course Research, 15*(4), 147-160.

INE - Instituto Nacional de Estatística (2002). *Censos 2001. Resultados definitivos.* Lisboa: INE.

INE - Instituto Nacional de Estatística (2002). *Censos 2011. Resultados definitivos.* Lisboa: INE.

Jackson, J. A. (1991). *Migrações.* Lisboa: Escher.

Kahanec, M., & Fabo, B. (2013). Migration strategies of the crisis-stricken youth in an enlarged European Union. IZA Discussion Paper N. 7285.

Keely, C. (2000), Demography and International Migration. *In* C. Brettel, & J. Hollifield (Eds.) *Migration theory – talking across disciplines* (pp. 56-84). London: Rontledge.

Léger, I. (1977). *Os adolescentes no mundo contemporâneo.* São Paulo: Família 2000.

Martinho, V. (2011). Analysis of net migration between the Portuguese regions. *arXiv preprint arXiv:1110.5564.*

Massey, D. S., Arango, J., Hugo, G., Kouaouci, A., Pellegrino, A., & Taylor, J. E. (1994). An evaluation of international migration theory: the North American case. *Population and Development Review*, 699-751.

Moreira, M. J. G., & Rodrigues, T. F. (2008). As regionalidades demográficas do Portugal contemporâneo. Working Papers CEPESE. Recuperado de: http://www.cepese.pt/portal/pt/investigacao/working-papers/populacao-e-prospectiva.

Nica, E. (2015). Labor market determinants of migration flows in Europe. *Sustainability, 7*, 634-647.

ONU (2013). *World youth report 2013*. New York: United Nations.

Pais, J. M. (1993). *Culturas juvenis.* Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

Pais, J. M. (1998). Da escola ao trabalho: o que mudou nos últimos 10 anos? *In* M. V Cabral, & J. M. Pais (Coords.). *Jovens portugueses hoje* (pp. 189-214). Oeiras: Celta.

Peixoto, J. (2004). *As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas*. SOCIUS Working Papers, 11.

Peixoto, J. (2006). Conclusões do seminário, migrações e políticas de desenvolvimento no quadro da CPLP: as diásporas como agentes para o desenvolvimento. *Fórum Gulbenkian Imigração*.

Ravenstein, E.G. (1885). The laws of migration. *Journal of the Royal Statistical Society, Vol. 48*, Part II, 167-227.

Rego, C., & Caleiro, A. (2012). Acerca dos impactes da Universidade de Évora no seu meio envolvente. Síntese de alguns resultados obtidos. *In* S. M. Pereira, & F. L. Vaz (Coords.).

Universidade de Évora (1559-2009). 450 anos de modernidade educativa (pp. 751-762). Lisboa: Chiado Editora.

Roca, M. N. O., & Pimentel, D. (2003). Causas prováveis das migrações internas em Portugal na década de noventa. *GeoINova – Revista do Departamento de Geografia e Planeamento Regional, 8*, 105-129.

Souza, C. (2004). Juventude e contemporaneidade: possibilidades e limites. *Última Década, 20*, 47-69.

Vieira, M. M., Ferreira, V. S., & Rowland, J. (2015). Retrato da juventude em Portugal: traços e tendências nos censos de 2001 e 2011. *Revista de Estudos Demográficos, 54*, 5-25.

Anexos

Tabela I - Estatísticas descritivas relativas às variáveis que representam movimentos de população

JOVENS

5 População que mudou de residência para outro município HM (ENTRADAS)		*5 População que mudou de residência para outro município H(ENTRADAS)*		*5 População que mudou de residência para outro município M(ENTRADAS)*		*6 População que residia no estrangeiro HM*		*6 População que residia no estrangeiro H*		*6 População que residia no estrangeiro M*		*RES 2009 HM (SAÍDAS)*		*RES2009 MUD H (SAÍDAS)*		*RES2009 MUD M (SAÍDAS)*		*Saldo migratório HM (Entradas-Saídas)*		*Saldo migratório H (Entradas-Saídas)*		*Saldo migratório M (Entradas-Saídas)*	
Média	95,56897	Média	44,34483	Média	51,22414	Média	25,56897	Média	14,01724	Média	11,55172	Média	100,3966	Média	45,62069	Média	54,77586	Média	-4,82759	Média	-1,27586	Média	-3,55172
Mediana	55	Mediana	28	Mediana	31	Mediana	14	Mediana	7	Mediana	7,5	Mediana	56	Mediana	24	Mediana	31	Mediana	-4	Mediana	-1	Mediana	-3,5
Moda	28	Moda	7	Moda	14	Moda	0	Moda	4	Moda	2	Moda	39	Moda	22	Moda	17	Moda	0	Moda	-1	Moda	-5
Desvio-pad	103,4125	Desvio-pad	48,23319	Desvio-pad	57,03832	Desvio-pad	38,15716	Desvio-pad	24,00767	Desvio-pad	15,29955	Desvio-pad	115,0075	Desvio-pad	51,86989	Desvio-pad	63,6501	Desvio-pad	37,08177	Desvio-pad	23,07789	Desvio-pad	17,9367
Variância d	10694,14	Variância d	2326,44	Variância d	3253,37	Variância d	1455,969	Variância d	576,3681	Variância d	234,0762	Variância d	13226,73	Variância d	2690,485	Variância d	4051,335	Variância d	1375,057	Variância d	532,5892	Variância d	321,7253
Intervalo	480	Intervalo	204	Intervalo	278	Intervalo	250	Intervalo	169	Intervalo	81	Intervalo	584	Intervalo	266	Intervalo	332	Intervalo	220	Intervalo	179	Intervalo	101
Mínimo	7	Mínimo	1	Mínimo	4	Mínimo	0	Mínimo	0	Mínimo	0	Mínimo	12	Mínimo	4	Mínimo	8	Mínimo	-124	Mínimo	-76	Mínimo	-58
Máximo	487	Máximo	205	Máximo	282	Máximo	250	Máximo	169	Máximo	81	Máximo	596	Máximo	270	Máximo	340	Máximo	96	Máximo	103	Máximo	43
Soma	5543	Soma	2572	Soma	2971	Soma	1483	Soma	813	Soma	670	Soma	5823	Soma	2646	Soma	3177	Soma	-280	Soma	-74	Soma	-206
Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58

Todos menos JOVENS

5 População que mudou de residência para outro município HM (ENTRADAS)		*5 População que mudou de residência para outro município H(ENTRADAS)*		*5 População que mudou de residência para outro município M(ENTRADAS)*		*6 População que residia no estrangeiro HM*		*6 População que residia no estrangeiro H*		*6 População que residia no estrangeiro M*		*RES 2009 HM (SAÍDAS)*		*RES2009 MUD H (SAÍDAS)*		*RES2009 MUD M (SAÍDAS)*		*Saldo migratório HM (Entradas-Saídas)*		*Saldo migratório H (Entradas-Saídas)*		*Saldo migratório M (Entradas-Saídas)*	
Média	240,7069	Média	121,5862	Média	119,1207	Média	53,96552	Média	31,51724	Média	22,44828	Média	221,3966	Média	108,069	Média	113,3276	Média	19,31034	Média	13,51724	Média	5,793103
Mediana	143	Mediana	75	Mediana	72,5	Mediana	31	Mediana	18	Mediana	13	Mediana	140	Mediana	68,5	Mediana	70	Mediana	5	Mediana	6	Mediana	1,5
Moda	99	Moda	77	Moda	45	Moda	14	Moda	13	Moda	4	Moda	82	Moda	46	Moda	46	Moda	-10	Moda	-6	Moda	-10
Desvio-pad	228,5751	Desvio-pad	121,3001	Desvio-pad	110,9588	Desvio-pad	63,58058	Desvio-pad	39,35811	Desvio-pad	25,32953	Desvio-pad	223,7934	Desvio-pad	110,5112	Desvio-pad	113,7963	Desvio-pad	87,51365	Desvio-pad	52,38496	Desvio-pad	44,00469
Variância d	52246,6	Variância d	14713,72	Variância d	12311,86	Variância d	4042,49	Variância d	1549,061	Variância d	641,585	Variância d	50083,47	Variância d	12212,73	Variância d	12949,59	Variância d	7658,639	Variância d	2744,184	Variância d	1936,413
Intervalo	1068	Intervalo	544	Intervalo	524	Intervalo	333	Intervalo	233	Intervalo	107	Intervalo	1163	Intervalo	580	Intervalo	583	Intervalo	589	Intervalo	410	Intervalo	310
Mínimo	24	Mínimo	15	Mínimo	9	Mínimo	2	Mínimo	0	Mínimo	1	Mínimo	20	Mínimo	10	Mínimo	10	Mínimo	-285	Mínimo	-140	Mínimo	-145
Máximo	1092	Máximo	559	Máximo	533	Máximo	335	Máximo	233	Máximo	108	Máximo	1183	Máximo	590	Máximo	593	Máximo	304	Máximo	270	Máximo	165
Soma	13961	Soma	7052	Soma	6909	Soma	3130	Soma	1828	Soma	1302	Soma	12841	Soma	6268	Soma	6573	Soma	1120	Soma	784	Soma	336
Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58	Contagem	58

Fonte: Elaboração própria a partir de dados INE

Tabela II - Estatísticas descritivas das variáveis explicativas

Emp		*Unemp*		*PPpc*		*AbHouse*		*PopActS_S*		*PopActS_T*		*Estab. Ensino total*	
Média	43,38	Média	13,35	Média	78,67	Média	876,49	Média	21,85	Média	66,79	Média	23.10714
Erro-padrãc	0,62	Erro-padrãc	0,42	Erro-padrãc	2,15	Erro-padrãc	39,83	Erro-padrãc	0,70	Erro-padrãc	0,81	Mediana	18
Mediana	43,20	Mediana	12,80	Mediana	72,29	Mediana	916,00	Mediana	20,90	Mediana	66,00	Moda	12
Moda	39,10	Moda	11,10	Moda	71,81	Moda	0,00	Moda	21,50	Moda	63,30	Desvio-pad	19.09086
Desvio-pad	4,67	Desvio-pad	3,18	Desvio-pad	16,20	Desvio-pad	300,70	Desvio-pad	5,31	Desvio-pad	6,10	Variância d:	364.461
Variância d:	21,85	Variância d:	10,11	Variância d:	262,52	Variância d:	90423,15	Variância d:	28,21	Variância d:	37,25	Curtose	7.549521
Curtose	0,39	Curtose	0,83	Curtose	1,87	Curtose	4,33	Curtose	-0,49	Curtose	-0,26	Assimetria	2.4105
Assimetria	-0,18	Assimetria	0,96	Assimetria	1,25	Assimetria	-2,04	Assimetria	0,49	Assimetria	0,13	Intervalo	105
Intervalo	24,2	Intervalo	14,6	Intervalo	80,17	Intervalo	1337	Intervalo	20,6	Intervalo	28	Mínimo	4
Mínimo	29,6	Mínimo	8,3	Mínimo	56,79	Mínimo	0	Mínimo	11,6	Mínimo	52,5	Máximo	109
Máximo	53,8	Máximo	22,9	Máximo	136,96	Máximo	1337	Máximo	32,2	Máximo	80,5	Soma	1294
Soma	2472,4	Soma	761,2	Soma	4484,19	Soma	49960	Soma	1245,5	Soma	3806,9	Contagem	56
Contagem	57	Contagem	57	Contagem	57	Contagem	57	Contagem	57	Contagem	57		

HealtC		*Culture*		*IDJ*		*; Aloj fam/ Tot*		*medio ind Km2*		*Secundário*		*Superior*	
Média	1,02	Média	0,82	Média	21,10	Média	0,99	Média	31,70	Média	13,55	Média	8,22
Erro-padrãc	0,02	Erro-padrãc	0,10	Erro-padrãc	0,34	Erro-padrãc	0,00	Erro-padrãc	4,19	Erro-padrãc	0,31	Erro-padrãc	0,38
Mediana	1,00	Mediana	1,00	Mediana	20,80	Mediana	1,00	Mediana	17,80	Mediana	13,60	Mediana	7,50
Moda	1,00	Moda	1,00	Moda	20,40	Moda		Moda	9,50	Moda	11,70	Moda	6,90
Desvio-pad	0,13	Desvio-pad	0,78	Desvio-pad	2,56	Desvio-pad	0,00	Desvio-pad	31,61	Desvio-pad	2,37	Desvio-pad	2,85
Variância d:	0,02	Variância d:	0,61	Variância d:	6,53	Variância d:	0,00	Variância d:	999,26	Variância d:	5,60	Variância d:	8,12
Curtose	57,00	Curtose	4,30	Curtose	-0,42	Curtose	1,13	Curtose	3,62	Curtose	-0,39	Curtose	3,80
Assimetria	7,55	Assimetria	1,48	Assimetria	0,28	Assimetria	-1,25	Assimetria	1,90	Assimetria	0,12	Assimetria	1,73
Intervalo	1	Intervalo	4	Intervalo	10,6	Intervalo	0,01	Intervalo	149,40	Intervalo	10,70	Intervalo	14,70
Mínimo	1	Mínimo	0	Mínimo	16,2	Mínimo	0,99	Mínimo	5,60	Mínimo	8,00	Mínimo	3,80
Máximo	2	Máximo	4	Máximo	26,8	Máximo	1,00	Máximo	155,00	Máximo	18,70	Máximo	18,50
Soma	58	Soma	47	Soma	1202,5	Soma	56,67	Soma	1806,9	Soma	772,40	Soma	468,60
Contagem	57	Contagem	57	Contagem	57	Contagem	57	Contagem	57	Contagem	57	Contagem	57

Fonte: Elaboração própria a partir de dados INE.

Tabela III - Sumário dos resultados – Variável dependente: Saldos migratórios (jovens)

Estatística de regressão	
R múltiplo	0,702247
Quadrado de R	0,49315
Quadrado de R ajustado	0,320079
Erro-padrão	31,08807
Observações	56

ANOVA

	gl	*SQ*	*MQ*	*F*	*le significância*
Regressão	14	38554,16	2753,869	2,849415	0,004576
Residual	41	39625,2	966,4682		
Total	55	78179,36			

	Coeficientes	*Erro-padrão*	*Stat t*	*valor P*	*95% inferior*	*5% superior*	*nferior 95.0%*	*perior 95.0%*
Interceptar	-1920,72	1761,649	-1,09029	0,28195	-5478,44	1637,005	-5478,44	1637,005
Emp	2,407931	3,0541	0,788426	0,434983	-3,75995	8,575812	-3,75995	8,575812
Unemp	-0,51684	2,413019	-0,21419	0,831462	-5,39003	4,356351	-5,39003	4,356351
PPpc	0,520529	0,574204	0,906524	0,369956	-0,6391	1,680157	-0,6391	1,680157
AbHouse	0,009496	0,018173	0,522566	0,604089	-0,0272	0,046197	-0,0272	0,046197
PopActS_S	-0,74411	1,467304	-0,50713	0,614783	-3,70739	2,219172	-3,70739	2,219172
PopActS_T	0,343146	1,666292	0,205934	0,837862	-3,022	3,70829	-3,022	3,70829
Estab. Ensino total	-0,76552	0,346283	-2,21068	0,032695	-1,46486	-0,06619	-1,46486	-0,06619
HealtC	-14,7692	35,42718	-0,41689	0,678934	-86,3159	56,77743	-86,3159	56,77743
Culture	0,92209	8,201353	0,112431	0,91103	-15,6409	17,48506	-15,6409	17,48506
IDJ	0,099608	2,745429	0,036282	0,971234	-5,4449	5,644115	-5,4449	5,644115
% Aloj fam/ Tot	1835,021	1788,753	1,025866	0,310969	-1777,44	5447,481	-1777,44	5447,481
N.º medio ind Km2	0,233487	0,202367	1,153778	0,255273	-0,1752	0,642176	-0,1752	0,642176
Secundário	3,803324	4,097903	0,928115	0,35878	-4,47256	12,07921	-4,47256	12,07921
Superior	-11,0795	3,416255	-3,24317	0,002353	-17,9788	-4,18025	-17,9788	-4,18025

Fonte: Elaboração própria a partir de dados INE.

Tabela III - Sumário dos resultados – Variável dependente: Saldos migratórios (outros grupos populacionais)

Estatística de regressão	
R múltiplo	0,681117
Quadrado de R	0,46392
Quadrado de R ajustado	0,280869
Erro-padrão	75,52314
Observações	56

ANOVA

	gl	*SQ*	*MQ*	*F*	*le significância*
Regressão	14	202375,5	14455,39	2,534369	0,01044
Residual	41	233853,5	5703,744		
Total	55	436229			

	Coeficientes	*Erro-padrão*	*Stat t*	*valor P*	*95% inferior*	*5% superior*	*nferior 95.0%*	*perior 95.0%*
Interceptar	-3037,58	4279,623	-0,70978	0,481859	-11680,5	5605,289	-11680,5	5605,289
Emp	9,41834	7,419413	1,269419	0,21145	-5,56547	24,40215	-5,56547	24,40215
Unemp	2,06077	5,862017	0,351546	0,726979	-9,77781	13,89935	-9,77781	13,89935
PPpc	0,339251	1,394929	0,243203	0,809061	-2,47787	3,156368	-2,47787	3,156368
AbHouse	0,038259	0,044148	0,866622	0,391193	-0,0509	0,127417	-0,0509	0,127417
PopActS_S	-0,63195	3,564564	-0,17729	0,860157	-7,83073	6,566837	-7,83073	6,566837
PopActS_T	3,9231	4,04797	0,969153	0,338152	-4,25194	12,09814	-4,25194	12,09814
Estab. Ensino total	-0,22712	0,841236	-0,26998	0,788531	-1,92603	1,471795	-1,92603	1,471795
HealtC	-23,9867	86,06426	-0,27871	0,781871	-197,797	149,8236	-197,797	149,8236
Culture	4,355605	19,92378	0,218613	0,828036	-35,8813	44,5925	-35,8813	44,5925
IDJ	-4,48055	6,669549	-0,67179	0,505484	-17,95	8,988877	-17,95	8,988877
% Aloj fam/ Tot	2629,077	4345,468	0,605016	0,548503	-6146,77	11404,93	-6146,77	11404,93
N.º medio ind Km2	1,128725	0,491617	2,295945	0,026864	0,135885	2,121564	0,135885	2,121564
Secundário	4,911799	9,955153	0,493393	0,624368	-15,193	25,01664	-15,193	25,01664
Superior	-34,327	8,299205	-4,13618	0,000171	-51,0876	-17,5664	-51,0876	-17,5664

Fonte: Elaboração própria a partir de dados INE.

Tabela IV - Sumário dos resultados – Variável dependente: População que mudou de concelho de residência (jovens)

Estatística de regressão	
R múltiplo	0,951885
Quadrado de R	0,906085
Quadrado de R ajustado	0,874017
Erro-padrão	37,24869
Observações	56

ANOVA

	gl	*SQ*	*MQ*	*F*	*Nível de significância*
Regressão	14	548833,3	39202,38	28,25468	1,3E-16
Residual	41	56886,06	1387,465		
Total	55	605719,4			

	Coeficientes	*Erro-padrão*	*Stat t*	*valor P*	*95% inferior*	*95% superior*	*Inferior 95.0%*	*Superior 95.0%*
Interceptar	-2548,04	2110,748	-1,20717	0,234283	-6810,78	1714,701	-6810,78	1714,701
Emp	4,070632	3,659321	1,112401	0,272446	-3,31952	11,46078	-3,31952	11,46078
Unemp	1,005633	2,891199	0,347825	0,729751	-4,83326	6,844528	-4,83326	6,844528
PPpc	0,812583	0,687992	1,181094	0,244372	-0,57684	2,20201	-0,57684	2,20201
AbHouse	0,00458	0,021774	0,210355	0,834432	-0,03939	0,048554	-0,03939	0,048554
PopActS_S	0,136602	1,758075	0,0777	0,938445	-3,4139	3,687106	-3,4139	3,687106
PopActS_T	2,475387	1,996495	1,239866	0,222075	-1,55662	6,50739	-1,55662	6,50739
Estab. Ensino total	3,63275	0,414905	8,755616	6,23E-11	2,794832	4,470667	2,794832	4,470667
HealtC	-10,3833	42,44767	-0,24462	0,807974	-96,1081	75,34145	-96,1081	75,34145
Culture	10,28609	9,826587	1,046761	0,301342	-9,5591	30,13129	-9,5591	30,13129
IDJ	0,785579	3,289481	0,238815	0,812438	-5,85766	7,428821	-5,85766	7,428821
% Aloj fam/ Tot	2155,67	2143,224	1,005807	0,320408	-2172,66	6483,998	-2172,66	6483,998
N.º medio ind Km2	0,315631	0,24247	1,301734	0,200274	-0,17405	0,805309	-0,17405	0,805309
Secundário	-1,12447	4,909971	-0,22902	0,819994	-11,0404	8,791418	-11,0404	8,791418
Superior	-2,10719	4,093242	-0,5148	0,609458	-10,3737	6,159275	-10,3737	6,159275

Fonte: Elaboração própria a partir de dados INE.

Tabela IV – Sumário dos resultados – Variável dependente: População que mudou de concelho de residência (outros grupos populacionais)

Estatística de regressão	
R múltiplo	0,931815
Quadrado de R	0,868279
Quadrado de R ajustado	0,823301
Erro-padrão	97,30402
Observações	56

ANOVA

	gl	*SQ*	*MQ*	*F*	*Nível de significância*
Regressão	14	2558869	182776,3	19,30449	1,05E-13
Residual	41	388190,9	9468,072		
Total	55	2947060			

	Coeficientes	*Erro-padrão*	*Stat t*	*valor P*	*95% inferior*	*95% superior*	*Inferior 95.0%*	*Superior 95.0%*
Interceptar	-6751,66	5513,867	-1,22449	0,227758	-17887,1	4383,818	-17887,1	4383,818
Emp	15,09685	9,559172	1,579305	0,121951	-4,20829	34,40199	-4,20829	34,40199
Unemp	4,32815	7,552623	0,573066	0,56973	-10,9247	19,58098	-10,9247	19,58098
PPpc	2,220588	1,797227	1,235563	0,223654	-1,40899	5,850161	-1,40899	5,850161
AbHouse	0,037441	0,05688	0,658243	0,514061	-0,07743	0,152312	-0,07743	0,152312
PopActS_S	-1,69369	4,592585	-0,36879	0,714184	-10,9686	7,581225	-10,9686	7,581225
PopActS_T	8,061512	5,215405	1,545712	0,129859	-2,47121	18,59423	-2,47121	18,59423
Estab. Ensino total	8,645731	1,083848	7,976883	7,14E-10	6,456855	10,83461	6,456855	10,83461
HealtC	-32,034	110,8852	-0,28889	0,774119	-255,971	191,9032	-255,971	191,9032
Culture	18,78876	25,6698	0,73194	0,468369	-33,0525	70,62997	-33,0525	70,62997
IDJ	-3,85198	8,593047	-0,44827	0,65632	-21,206	13,50203	-21,206	13,50203
% Aloj fam/ Tot	5747,619	5598,702	1,026598	0,310628	-5559,19	17054,43	-5559,19	17054,43
N.º medio ind Km2	1,884469	0,633399	2,97517	0,004892	0,605295	3,163644	0,605295	3,163644
Secundário	-0,28461	12,82622	-0,02219	0,982404	-26,1877	25,61847	-26,1877	25,61847
Superior	-36,0061	10,6927	-3,36736	0,00166	-57,6005	-14,4118	-57,6005	-14,4118

Fonte: Elaboração própria a partir de dados INE.

JUVENTUDE(S): PENSAR E AGIR

Organização: Gilberta Pavão Nunes Rocha
Rolando Lalanda Gonçalves / Pilar Damião de Medeiros

Diretor da coleção: Manuel Carlos Silva
Subdiretores: Luís Baptista e Ana Paula Marques

Capa: António Pedro

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2017
End. Postal: Apartado 7081
4764-908 Ribeirão – V. N. Famalicão
Tel. 926 375 305
E-mail: humus@humus.com.pt

Impressão: Papelmunde, SMG, Lda. – V. N. Famalicão
1.ª edição: Dezembro de 2017
Depósito legal: 435833/17
ISBN: 978-989-755-314-1

Coleção Debater O Social – 50